

# FHC e o momento de Lula

Dois Fernandos Henriques se manifestaram segunda-feira em São Paulo. O primeiro, de manhã, em um seminário do Instituto Sérgio Motta, ligado ao PS-DB, sobre a construção do desenvolvimento no Brasil. O segundo, à tarde, em um seminário promovido por uma empresa de consultoria, a InterNews, sobre o que os agentes econômicos podem esperar de 2005. O primeiro, que chamou a gestão Lula de incompetente e o PT de tigre de papel, e ainda incitou os tucanos a atacar o governo sem luvas de pelica, mostrou o político sabidamente menos competente do que os adversários em matéria de fazer oposição – e isso no exato momento em que o vigor oposicionista do PT se volta contra o presidente Lula.

Já o segundo Fernando Henrique lembrou o chefe de governo que foi, naquilo em que é patentemente mais apto do que o sucessor: na visão das questões em jogo, na capacidade de definir propostas substantivas, na consciência de que a liderança política é crucial para levá-las adiante – e isso com elegância, moderação e altruísmo. O Fernando Henrique do seminário matinal descrevia a política em termos tais que podiam sugerir que

ele a concebe como a continuação da guerra por outros meios. Lembrou que o seu ministro das Comunicações “esmagava os adversários”, e ensinou que “política significa o seguinte: você tem um adversário e luta contra ele. É preciso entender isso”.

O Fernando Henrique vespertino apresentou uma agenda legislativa “micro” para 2005, destinada a cimentar as bases do crescimento econômico – desde a aprovação da Lei de Falência à revisão das leis trabalhistas, passando pela regulamentação da Previdência reformada e a instituição das Parcerias Público-Privadas (PPPs). E falou com serenidade dos obstáculos. “Não é fácil, eu sei”, começou. “Não estou cobrando de terceiros o que não pude muitas vezes fazer. Estou apenas assinalando, não estou criticando.” O que vem a calhar, quando o presidente Lula não perde ocasião para se referir à distância entre a intenção e a realidade, que só pode ser medida adequadamente quando se é governo.

“Tenho consciência da dificuldade de fazer as coisas”, disse Lula na mesma segunda-feira, ao discursar, na presença de 11 ministros, para quase

todos os 411 prefeitos petistas recém-eleitos ou reeleitos. A reunião deixou constrangedoramente claro o descontentamento da maioria com a política econômica, a ponto de a futura prefeita de Fortaleza, a radical Luizianne Lins, cuja vitória o Planalto buscou impedir, ter sido mais aplaudida do que o próprio presidente (a quem ela se recusou a cumprimentar). E a ponto de Lula ter de enfatizar que ele e o ministro Antonio Palocci “pensamos 99% das coisas iguais” – assumindo, portanto, a paternidade das diretrizes econômicas do governo.

A beligerância de Fernando Henrique surpreende porque ele sabe que, às vésperas da segunda metade do mandato, Lula enfrenta um duro e incerto teste, que ele mesmo sintetizou no neologismo “despetização” – referindo-se ao seu governo, naturalmente. Quem sabe tenha ocorrido a Lula que, se com o PT ele perdeu três eleições e com Duda Mendonça chegou lá, talvez com menos PT à sua volta consiga enfim governar – e ficar mais 4 anos no Planalto. Essa hipótese é plausível por razões históricas e de personalidade. Antes de sua “petização”, ele era um sindicalista cuja combatividade mal escon-

dia forte pragmatismo, aversão a ideologias e impaciência com os “barbudinhos da USP” que vinham doutriná-lo.

Além disso, revela o documentário *Entreatos*, de João Moreira Salles, ele se acostumou mais com a gravata do que com o macacão. Em 2002, “Duda só fez reacender o Lula classe média em busca de ascensão que já existia no líder sindical agressivo”, interpreta o colunista Merval Pereira, de *O Globo* – repetindo o diagnóstico que fizera Ruy Mesquita, hoje diretor do *Estado*, em entrevista que fez com o então líder sindicalista Lula da Silva, para a revista *Senhor Vogue*, de junho de 1978. Por fim, no documentário *Peões*, de Eduardo Coutinho, uma ex-metalúrgica observa lucidamente: “É o Lula que chega à Presidência, não é o PT.” Ciente disso, como sempre esteve, Lula se prepara para reduzir o espaço da agremiação no governo, mantendo a política que a ela causa desconforto. A sua expectativa, como advertiu antes da posse, é de que “o partido não pode abandonar seu governante porque ele não está fazendo coisas que há dez anos o partido disse que era para ser feito”.

Nessas circunstâncias, o segundo Fernando Henrique foi oportuno. O primeiro, não.

